

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM MECANISMO DE VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO TRADICIONAL

Marcia Danyelle Ribeiro Bernardes (*), Tamiris de Assis Marques, Vander Célio de Matos Claudino

* Universidade de Brasília-UnB, Planaltina, DF; marciadbernardes@gmail.

RESUMO

Com a crescente preocupação em conciliar a proteção ambiental com a utilização dos recursos naturais, observamos a importância que as comunidades tradicionais e principalmente os seus modos de interações com o meio ambiente apresenta para esse equilíbrio. Partindo dessa premissa o nosso objeto de estudo será os povos tradicionais da região da Chapada dos Veadeiros - GO. Moradores de uma região com riquíssima biodiversidade, eles desenvolveram um enorme domínio sobre o cerrado, no qual suas praticas estão sempre voltadas para a conservação do meio ambiente. A pesquisa parte do levantamento bibliográfico e documental sobre a região e conhecimento que esses povos detém. Será realizado ainda entrevistas que terão como fundamento teórico-metodológico a história oral. O trabalho buscará o registro dos saberes e fazeres tradicionais associados à biodiversidade do cerrado, sistematizando e valorizando o conhecimento tradicional, onde por meio da educação ambiental esse modo benéfico de interação com a natureza possa ser transmitido.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidades Tradicionais; Conhecimento Ambiental; Chapada dos Veadeiros.

INTRODUÇÃO

Cuidar do meio ambiente, é uma obrigação de toda a sociedade, pois ao longo de sua existência o homem, praticou atos que fez com que houvesse uma enorme agressão as diversas áreas, seja elas na terra, água ou ar, onde muitas vezes essa degradação chegou a resultados irrecuperáveis. Mais recentemente com a evidente crise ambiental, começa a se criar uma postura mundial onde se observa a necessidade de se haver mudança para que o planeta não seja totalmente devastado.

De acordo com a atual situação o desenvolvimento sustentável é sem dúvida a porta para se alcançar um modo de vida equilibrado, desse modo a educação Ambiental tende a ser uma ferramenta de efetivação, ou melhor, de propagação do desenvolvimento sustentável, conseguindo alcançar os diversos níveis da sociedade, alinhando a relação sociedade natureza.

Com a evidente necessidade de mudança da conduta social para se efetivar o conceito de desenvolvimento sustentável, é preciso “educar para a compreensão humana” (MORIN, 2002, p.93).

Nesse contexto se insere crescente reconhecimento do papel das populações tradicionais na preservação da natureza e uso sustentável dos recursos naturais. Segundo ALBAGLI (2005), essas populações possuem um papel de “guardiães do patrimônio biogenético do planeta”,

Esse conhecimento tradicional é descrito por diversos autores e pode ser compreendido como “o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração” (DIEGUES; ARRUDA, 2001, p. 31).

O conceito de povos tradicionais é multidimensional contendo duas dimensões praticamente inseparáveis, sendo elas a dimensão empírica e política (PAUL LITTLE 2003).

O intuito desse trabalho vem sendo a utilização da educação ambiental como forma de valorizar e disseminar esse conhecimento e seus modos de interação benéficos com a natureza para as futuras gerações.

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (LEI Nº 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999).

METODOLOGIA

O trabalho tem como objetivo principal contribuir para que por meio do instrumento educação ambiental os saberes associados à biodiversidade do cerrado possam ser valorizados e disseminados para as futuras gerações, através da reconstrução de memórias e experiências de populações tradicionais, registrando seus saberes e gerando assim documentação oral e escrita.

Por se tratar de um trabalho teórico – empírico, a pesquisa parte do levantamento bibliográfico e documental sobre a região da Chapada dos Veadeiros, juntamente com a prática de realização de entrevistas gravadas, e aplicação de questionários com moradores tradicionais da região.

A metodologia foi baseada na (re)construção de memórias e valorização das experiências sobre o conhecimento tradicional do cerrado. O referencial teórico-metodológico da história oral será utilizado para o desenvolvimento de entrevistas. Por meio dos registros será possível construir uma documentação oral acerca dos saberes e fazeres tradicionais do cerrado. Sendo um dos objetivos do trabalho a valorização desse conhecimento para as futuras gerações da comunidade.

A memória é fonte principal de depoimentos orais no qual consegue criar um elo entre o tempo e a história, no qual consegue constituir fontes ou documentos que servirão como subsídio em pesquisas, e até mesmo formando acervos para centros de pesquisas (SANTOS 2007).

Entrevistas e atividades na região estão sendo fundamentais para a identificação e sistematização e informações dessas formas de manejo dos recursos naturais de forma tradicional.

O desafio maior em trabalhar com história oral é sistematizar essas informações não as transformando em críticas puras do que se passou, mas sim contribuir para manter sempre viva essas lembranças, estimulando e reativando o diálogo entre presente e passado (NEVES 2003). Desse modo, entender essas histórias como o modo de vida de um povo e avistar a necessidade de manter essas lembranças sempre atualizadas são cruciais para o prosseguir do trabalho.

POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DA CHAPADA DOS VEADEIROS

Chapada dos Veadeiros está situada no Nordeste goiano, compostas pelos municípios: Colinas do Sul, Teresina de Goiás, Cavalcante, Nova Roma, São João da Aliança e Alto Paraíso de Goiás, essa região é bastante conhecida pela sua diversidade étnica e cultural, o que no ajuda por varias vezes a compreender quem são as comunidades tradicionais que vivem na região, uma área reconhecida como *core* do cerrado brasileiro. (SARAIVA 2012).

Tabela 1: Tipos e características de populações tradicionais

Tipos	Indígenas, quilombolas, extrativistas, pescadores, camponeses (agricultores familiares, sítiantes, lavradores), entre outros.
Tipos regionais	Caipiras, caiçaras, sertanejos, ribeirinhos, castanheiros, quebradeiras de coco-de-babaçu, geraizeiros, cerratenses, pantaneiros, seringueiros, jangadeiros, açorianos, pescadores artesanais, entre outros.
Características	Experiências de vida vinculadas ao meio rural e o cultivo da terra; populações politicamente marginalizadas; isolamento relativo (não têm uma vida desvinculada do urbano); linguagem específica com sotaques e inúmeras palavras de origem indígena e negra; domínio de tecnologias sociais patrimoniais; conhecimento simbólico e mítico associado ao seu modo de vida e ao meio onde vivem.
Características associadas à natureza/ecossistemas	Modos de vida particulares que envolvem grande dependência dos ciclos naturais, simbiose com a natureza e os recursos naturais renováveis; conhecimento profundo dos ciclos biológicos e dos recursos naturais; O conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos se reflete na elaboração de estratégias de uso e manejo dos recursos naturais; conhecimento

	transferido de geração em geração por via oral.
Relação com o território	Noção de território onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente; a moradia e a ocupação do território ocorrem por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados; enfrentam problemas de acesso à terra.
Relações de trabalho	Produção é orientada para a subsistência; dependem fundamentalmente do trabalho com a terra, mas podem ser pescadores, artesãos ou extrativistas segundo as estações do ano; trabalho autônomo ou familiar; trabalho assalariado é ocasional; a produção de mercadorias pode estar mais ou menos desenvolvida, o que implica uma pequena relação com o mercado; reduzida acumulação de capital; estão articuladas ao modo de produção capitalista, por meio da venda daquilo que cultivam ou produzem.

Fonte: SARAIVA (2012) adaptado de DIEGUES (2000, 2001a) e QUEIROZ (1973).

Por meio do conhecimento tradicional de personagens únicos da região da Chapada dos Veadeiros – GO está sendo possível fazer um (re)conhecimento da riqueza dos saberes e fazeres desses povos, destacando – se entre outros uma moradora da região do Moinho/Alto Paraíso-GO, raizeira e parteira, Florentina Pereira dos Santos, mais conhecida como Dona Flor.

Em entrevistas realizadas desde 2011 no Moinho conseguimos registrar por diversas vezes o interesse de Dona Flor em transmitir seu conhecimento: “O que eu quero é passar o meu conhecimento para a sociedade.” Moradora de uma região rica em biodiversidade, ela faz observações sobre a sua visão de natureza e os benefícios que ela nos traz: “Precisamos aproveitar as maravilhas que Deus deu pra gente - a natureza, sem agrotóxico, sem nada.”

Dona Flor é grande conhecedora das plantas nativas, das “ervas do mato”, das “ervas do sertão”, como ela mesma gosta de se referir ao cerrado. Ela aprendeu a desvendar o cerrado e sua biodiversidade, revelando saberes e fazeres que é uma tradição. “Conheço as raízes, as cascas, as flores, as frutas”. Em suas mãos o cerrado serve para tudo:

Tem a cagaita, que a gente faz geléia, faz o licor; tem o murici que também faz licor; tem o gravatá, que você o geladinho, faz licor e geléia; tem o tingui que faz o sabão, faz arranjo; tem o buriti que faço doce e sabão, pois tem massa, faz sabão. Tem o pequi... faço o sabão de pequi para embelezar. O tingui é bravo, mata até bicheira. Aquela casca dele serve para fazer saboneteira e arranjo, faz borboleta, faz passarinho.



Figura 1: Dona Flor. Fonte: Autor do Trabalho.

O conhecimento tradicional trabalha com outras definições de cerrado, definições essas que foram construídas de modo coletivo, sendo adaptado de acordo com os saberes adquiridos no seu cotidiano, geralmente sendo definições não somente de um indivíduo, mas sim de uma comunidade.

De modo geral, os registros das memórias de atores como Dona Flor tem sido uma estratégia de sistematização de ideias, com o finalidade de (re)conhecer e valorizar os povos tradicionais que se situam na região da Chapada dos Veadeiros, tendo em vista a possibilidade de dar valor a identidade social de um povo através do compartilhamento de experiências, fortalecendo assim a etnicidade e territorialidade de um povo. (BERNARDES 2012).

RESULTADOS

A Educação Ambiental apresenta um modo mais realista, na qual vem tentando alcançar um equilíbrio entre homem e natureza, entendendo a necessidade de desenvolvimento, porém com uma mudança de atitudes do homem em relação ao meio ambiente. Desse modo, com a junção da vertente educação ambiental com os saberes de povos tradicionais será um mecanismo eficaz nesse processo de mudança de comportamentos.

Principais resultados do estudo:

- Valorização da diversidade cultural e biológica do Cerrado, por meio da educação ambiental;
- Fortalecimento de identidades através da propagação de práticas de educação ambiental nas comunidades.
- (Re)construção e valorização dos saberes e fazeres dos povos tradicionais da Chapada dos Veadeiros;
- Sistematização das formas de manejo do cerrado pelos povos tradicionais;



Figura 2: Oficina com Dona Flor. Fonte: Autor do Trabalho.

CONCLUSÕES

Com a notória crise ambiental em virtude de práticas insustentáveis de consumo começam a se pensar em mecanismos de aperfeiçoamento de tecnologias e formas de agir em coletividade para se encontrar soluções para essas conjunturas, desse modo a educação ambiental é inserida como uma das formas de conscientização de indivíduos da necessidade de preservar o seu espaço, fazendo-o enxergar a urgente necessidade de mudança de conduta.

A conservação é alcançada através de manejos sustentáveis dos recursos naturais além de formas racionais de utilização dos mesmos, sendo assim podemos inserir os povos tradicionais sem dúvida como personagens intrínsecos na proteção da biodiversidade. Desse modo, considerando os povos tradicionais como protetores da biodiversidade e trabalhando de forma sustentável estão prestando um serviço ecológico para a sociedade como um todo.

O conhecimento tradicional é formado por práticas e conhecimentos baseado na experiência vivida e legados passados de pais para filhos a partir de suas relações com a natureza.

Neste sentido, a sociedade tem utilizado diversas estratégias que possam possibilitar o uso sustentável e auxiliar na conservação dos recursos naturais (HOEFFEL et al 2011). A educação ambiental é uma dessas estratégias de caráter emergencial, devido ao cenário de crise atual, que precisa ser pensada, dialogada e colocada em ação.

A educação ambiental possibilita o resgate nos campos sociais, culturais e ambientais, no qual consegue abranger níveis de compreensão imensos, possibilitando entender a necessidade da qualidade de vida que vai além da saúde das pessoas mais sim na “saúde” igualmente proporcional do meio ambiente.

Desse modo, a intenção desse trabalho foi contribuir para que através da educação ambiental seja possível incentivar a conservação dessas tradições e impulsionar a valorização dos saberes e fazeres tradicionais, juntamente com a conscientização da necessidade de preservação ambiental da biodiversidade do cerrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBAGLI, S. Interesse Global no Saber Local: a geopolítica da biodiversidade. In: MOREIRA, Eliane, et al, Seminário Saber Local/Interesse Global: propriedade intelectual, biodiversidade e conhecimento tradicional na Amazônia, 2005, p. 17 a 27.
2. BERNARDES, M. D. R. ; SARAIVA, R. C. F. . Mapeamento de plantas do cerrado de uso tradicional no moinho/alto paraíso GO. In: II Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações, 2012, Florianópolis - SC. Anais do 2º simpósio internacional de história ambiental e migrações, 2012.
3. DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil. Brasília: MMA, 2001.
4. FÓRUM Internacional de Organizações Não-Governamentais e Movimentos Sociais. Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global. In: TRATADO das ONGs; aprovado no Fórum

- Internacional de Organizações Não-Governamentais e Movimentos Sociais, no Âmbito do Fórum Global – ECO-92. Rio de Janeiro: Eco, 1992, p. 193-196.
5. HOEFFEL, J. L.; GONÇALVES. N.M.; FADINI, A.A.B.; SEIXAS, S.R.C. de Proteção Ambiental do Sistema Cantareira (SP) e Fernão Dias (MG). Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador: Universidade Federal da Identidade, Saber Popular e Riscos Ambientais – Conhecimento e Uso de Plantas Medicinais nas Áreas Bahia, p.1-15, 2011.
 6. LITTLE, P. E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Brasília, Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2002.
 7. MORIN, E. Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
 8. NEVES, L. A. Memória e história: potencialidades da história oral. ArtCultura, Uberlândia, nº 6, 27-38, 2003.
 9. SANTOS, J. História oral, fontes documentais e narrativas como recursos metodológicos na educação. III Seminário de Educação: Memórias, Histórias e Formação de Professores, Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação, UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.
 10. SARAIVA, R. C. F. Comunidades Tradicionais e Estratégias Diante da Crise Ambiental. In: II Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações, 2012, Florianópolis - SC. Anais do 2 simpósio internacional de história ambiental e migrações, 2012.